

O efeito Covid e a avaliação

MARISA GREGÓRIO

Em março de 2020 o efeito Covid-19, tal como o efeito borboleta de Edward Lorenz, mostrou literalmente como um espirro na China pode provocar uma pandemia. Isto é, como a alteração dos dados iniciais podem vir a gerar transformações significativas nas mais diversas áreas da sociedade, entre elas a educação.

As escolas fecharam, alunos e professores ficaram em casa, mas o ensino e a aprendizagem tiveram de continuar. E continuaram... E tenho a certeza de que nós, professores, fizemos o melhor que conseguimos. Mas a aprendizagem é comunicação e essa comunicação alterou-se, no tempo, no espaço, na forma e no meio. Não que já não se utilizasse tecnologia, muitos professores já utilizariam várias plataformas tecnológicas, mas certamente nem todos, nem sempre.

As questões da necessidade de utilização das tecnologias vieram acentuar as desigualdades sociais existentes e exigir dos professores um trabalho hercúleo. E como que uma pedrinha no vidro, a forma e o meio de comunicação fez estalar tantas ideias preconcebidas sobre a existência de recursos tecnológicos nas nossas escolas e o conhecimento tecnológico dos nossos alunos, a geração digital. Afinal eles sabem muito de tecnologia, mas não a necessária e suficiente para o que lhes era exigido ao nível escolar. Mas também nós professores, a quem foi imposta uma adaptação espontânea e célere, estaríamos bem preparados para o ensino à distância (tínhamos de estar)? E não me refiro a questões técnicas da tecnologia, mas sim aos recursos e instrumentos utilizados *online* para a aprendizagem e sua avaliação.

Gostaria, aqui de focar um aspeto particularmente preocupante: o da autenticidade dos produtos enviados pelos alunos. É verdade que este problema não surgiu com o ensino à distância, sempre se fizeram trabalhos de grupo, pesquisas, relatórios, dentro e fora da sala de aula e também eles poderiam ser feitos apenas por um dos elementos do grupo, por um pai ou explicador. No entanto, a apresentação oral expunha as fragilidades de quem não se tivesse apropriado do trabalho e, consequentemente, a credibilidade da sua autoria. Seria esta avaliação oral exequível num modelo *online*?

A interação pessoal e presencial vivida entre alunos e professores para o processo ensino-aprendizagem é de extrema importância em todos os níveis de escolaridade, mas nos iniciais 1.º e 2.º ciclos ainda é mais determinante, dada a menor autonomia dos alunos.

Na primeira pessoa, posso dizer que a Covid teve um efeito surpreendente (ou talvez não). Os alunos que tinham um

percurso de bons resultados escolares desmotivaram-se, fazendo apenas o que era estritamente obrigatório, alguns desapareceram até mesmo “de cena”. Os alunos que nos períodos anteriores tinham revelado grandes dificuldades e resultados baixos, como que por milagre, apresentavam trabalhos excelentes, níveis máximos a tudo, mas quando interpelados nas aulas síncronas exibiam as mesmas fragilidades de sempre ou tinham problemas tecnológicos que os impossibilitava de ter som e imagem.

A autenticidade dos produtos dos alunos fica exposta quando acompanhamos o que fazem, quando interagimos com eles dando orientações, *feedback*, levantando novas questões, sobretudo se forem questões para raciocinar... O facto de as práticas avaliativas estarem muito centradas em testes convencionais, particularmente com questões fechadas, realizadas em tempo limitado e presencialmente poderia ser “confortável” na (quase) certeza de que os alunos eram autores do seu próprio trabalho. Perante esta impossibilidade, até que ponto este vazio não vem expor a pouca interação que frequentemente temos com os nossos alunos em momentos avaliativos? Será que a realização de problemas ou explorações não evidencia muito mais a genuinidade do trabalho de cada um, permitindo também ao professor conhecer melhor a forma como os seus alunos pensam? Até que ponto esta avaliação, seja de carácter formativo ou sumativo, é verdadeiramente valorizada por nós? Teremos nós uma cultura avaliativa que não seja fundada apenas na ficha de avaliação sumativa ou no exame? E os pais? Darão eles valor a todo um conjunto de capacidades já descritas nos documentos curriculares?

A pandemia obrigou-nos e continua a obrigar-nos a um enorme esforço para acompanhar as aprendizagens dos nossos alunos. Por um lado, fez-nos recuar nalgumas práticas que consideramos importantes e que envolvem interação mais próxima, como é o caso do trabalho em grupo. Por outro, também nos levou a procurar novas estratégias que inegavelmente passam pela utilização de novas ferramentas tecnológicas (tenho uma grande relutância em dizer que esta pandemia trouxe algo de bom).

E ao nível da avaliação? Que aprendizagens podemos fazer que se adequem ao momento atual, mas que sejam também pertinentes no ensino presencial para o qual todos desejamos voltar?

MARISA GREGÓRIO

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RAINHA D. LEONOR, LISBOA